

As investigações sobre a Pré e a Proto-História no concelho de Mação na década de 1940: o contributo de João Calado Rodrigues

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Academia Portuguesa da História. Este contributo corresponde à conferência apresentada na Biblioteca Municipal de Mação, no dia 20 de Junho de 2016, no âmbito do Colóquio comemorativo da identificação do povoado do Castelo Velho do Caratão, organizado pelo Instituto Terra e Memória / Instituto Politécnico de Tomar, em colaboração com a Câmara Municipal de Mação.

1. Introdução: Um testemunho pessoal

Dois nomes são incontornáveis na Arqueologia do Concelho de Mação: a Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira Bubner e o Dr. João Calado Rodrigues. Conheci Maria Amélia Horta Pereira Bubner, felizmente hoje aqui entre nós, em 1971, numa visita que fiz, acompanhado de meu Pai, à sua casa desta Vila de Mação, antecedendo a deslocação ao Museu Municipal, então instalado no piso térreo do edifício que ainda hoje ocupa, que acedeu a mostrar-mo numa tarde de Agosto abrasadora, cedendo à impertinência de um jovem de 14 anos já fascinado pela Arqueologia. E é imperativo não deixar por mais tempo de prestar homenagem à autora da notável obra “Monumentos históricos do concelho de Mação”, publicada em 1970, obra que, no essencial, resultou da sua tese de Licenciatura em História, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Trata-se de um contributo pioneiro, tanto a nível temático, como metodológico, na historiografia da Arqueologia portuguesa, ainda não devidamente valorizado, mas onde ficará para sempre como marco miliário nos trabalhos verdadeiramente inovadores e que de cuja publicação – não por acaso a Câmara Municipal de Mação, sob a presidência de António Paisana Joaquim – resultaram efectivas e duradouras mais valias.

O Dr. João Calado Rodrigues (Fig. 1), nascido nas Galveias, Ponte de Sor em 1881 e licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado pelo círculo de Tomar, e Secretário da Câmara dos Deputados, antes de ter sido eleito por esta câmara para o Conselho Superior da Administração Financeira do Estado. Fixando residência em Mação, aqui desenvolveu

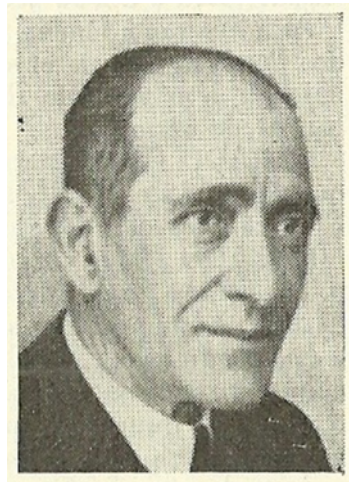
intensa actividade jornalística através de periódicos por si fundados e mantidos, como “*Notícias de Mação*”, “*Liberdade*”, “*Terra Nostra*”, “*Terras do Tejo*”, e “*O concelho de Mação*”, acumulando estas actividades de puro interesse intelectual, com o cargo de Conservador do Registo Civil e de Juiz municipal. Foi delegado da Junta Nacional da Educação nos concelhos de Mação e de Gavião, tendo sido, até ao seu falecimento, ocorrido em 1953, protagonista de notável acção em prol da preservação do património e da memória de Mação e regiões circunvizinhas.

Os meus avós, que o conheceram, e que muitas vezes o receberam na sua casa de Belver, quando, vindo de Lisboa por comboio, ali pousava antes de prosseguir viagem até Mação, recordaram-me a sua personalidade simples, generosa e cativante, que por uma pedra para o seu Museu era capaz de desusada insistência, sempre coroada de sucesso, pois todos lhe queriam bem, reconhecendo que o seu interesse perseguia um objectivo bem mais alto que a simples e mesquinha satisfação de um prazer pessoal.

Tive ainda a oportunidade de conhecer a Sr.^a D. Balbina, irmã do Dr. João Calado Rodrigues, e de manusear, maravilhado, na sua casa de Mação, machados de pedra polida, com etiquetas manuscritas, gastas pelo tempo, que aos meus olhos se afiguravam preciosidades de excepção. Foi, com efeito, mercê dos esforços de um homem só e desapoiado, mas movido por uma rara qualidade entre nós – a da perseverança – que, de um deserto quase absoluto no capítulo do registo arqueológico, Mação se tornou, em escassos anos da década de 1940, um dos concelhos onde o progresso no conhecimento das mais recuadas ocupações humanas do nosso território foi mais relevante, mercê da sua acção tão desinteressada como consequente.

No dizer do Padre Eugénio Jalhay, “bastava a alabarda, com o objectos do Porto do Concelho, para dar celebridade ao futuro Museu de Mação”. Vejamos, pois, com mais detalhe, esses dois marcos da arqueologia concelhia e mesmo nacional.

FIG.1. João Calado Rodrigues (in GEPB).



2. A alabarda do Casal da Barba Pouca, freguesia de Penhascoso

Esta peça excepcional foi achada em Março de 1944 quando se procedia numa leira à sementeira do milho, a 15 cm de profundidade, tendo a mesma sido de imediato obtida por João Calado Rodrigues para o Museu Municipal. O seu estudo foi feito pelo Padre Eugénio Jalhay (Jalhay, 1947) (Fig. 2). A alabarda mede 23,2 cm de comprimento máximo o que faz dela o maior dos exemplares do território português, logo depois da alabarda da anta da Cabecinha, Figueira da Foz, com 32 cm de comprimento (Pereira, 1970, Quadro IV), inventariada por Jalhay conjuntamente com todas as restantes peças homólogas até então registadas no território português (Fig. 3), trabalho muito detalhado e completo, que bem evidencia a qualidade da investigação por si produzida. Com efeito, foram as características de rigor e de detalhe na análise, a par, evidentemente, do interesse temático e da importância arqueológica dos objectos estudados, que explicam a importância do Padre Eugénio Jalhay, um dos mais proeminentes arqueólogos da época, prematuramente falecido com 59 anos a 30 de Novembro de 1950, e que mantinha com João Calado Rodrigues excelentes relações de trabalho (Fig. 4).

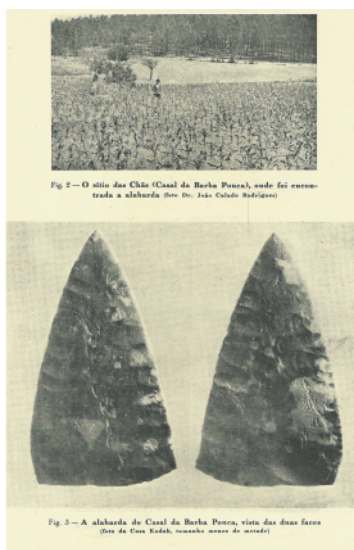
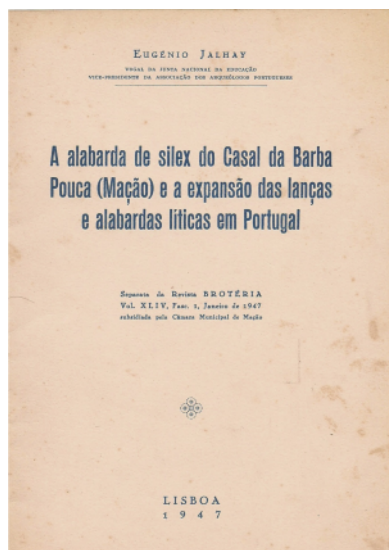


FIG.2. Capa da separata dedicada ao achado da alabarda do Casal da Barba Pouca, local do achado e foto da alabarda.

3. O “esconderijo” de Porto do Concelho”, ou a entrada de Mação no mapa do Bronze Final peninsular

Neste achado teve João Calado Rodrigues intervenção igualmente determinante. Foi a abertura de uma estrada municipal, entre as povoações de Pereiro e do Castelo, que proporcionou a recolha de conjunto notável de peças metálicas, numa das barreiras da estrada, escondido debaixo de um penedo e a cerca de 450 m da ponte sobre a ribeira do Pereiro (Fig. 5). O Dr. João Calado Rodrigues, actuado rapidamente, conseguiu reunir a totalidade das 35 peças encontradas no dia 6 de Março de 1943, a que se juntaram mais

quatro, recolhidas pelo próprio quatro dias depois, no mesmo local. Informada através de detalhado relatório por si enviado, a Junta Nacional da Educação nomeou o Padre Eugénio Jalhay para dar seguimento ao processo e, de nova inspecção do terreno, depois da sua chegada a Mação, a 8 de Julho de 1943, mais três peças se obtiveram. O conjunto é constituído por foices de talão, pontas de lança, machados de talão e uma argola; punhais e espadas, argolas, braceletes, um punção e vários objectos indeterminados (Fig. 6). Este conjunto, publicado em 1944 por Eugénio Jalhay (Jalhay, 1944) passava a constituir um dos mais importantes acervos do Bronze Final do território português, e mesmo peninsular, justificando as sucessivas referências bibliográficas que desde então e até à actualidade lhe têm sido feitas, tanto em Portugal como no estrangeiro. Em 1970, M. A. Horta Pereira procedeu à revisão deste conjunto, ilustrado por magníficos desenhos de Duarte de Almeida e identificou, ainda que com reservas, um objecto cónico antes dado como indeterminado, como algaraviz de um tubo de forja (Fig. 7), objecto de extrema raridade em contextos do Bronze Final. Mas ainda subsistem dúvidas acerca de alguns objectos deste depósito, como é o caso de uma folha fina com cerca de 80 mm de comprimento e munida de apêndices, que não se confundem com rebites, em curso de estudo por Raquel Vilaça e colaboradores ao qual Maria Amélia Horta Pereira atribuiu, com reservas, a função de punhal de serrilha (Pereira, 1970: 200) (Fig. 7).

Este achado corresponde a preenchimento de lacuna nesta região, já que da Idade do Bronze, eram apenas conhecidos até então os anéis helicoidais de bronze, de Abrantes, os primeiros testemunhos desta época noticiados da

FIG.3. Distribuição das alabardas e punhais líticos no território português, seg. E. Jalhay (1947, Fig. 1).





FIG.4. Eugénio Jalhay, à esquerda, de pé, com Afonso do Paço (segundo da primeira fila) em Vila Nova de S. Pedro, numa pausa das escavações do povoado calcolítico fortificado. Foto Museu Municipal da Azambuja.

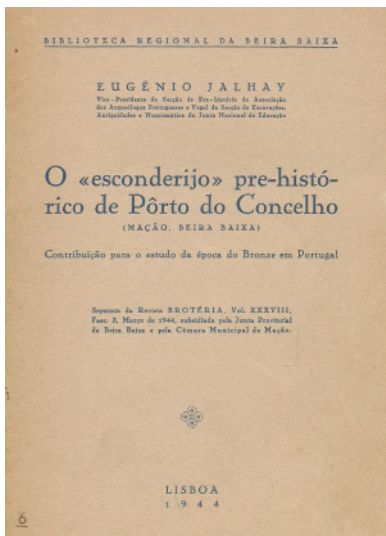


Fig. 4 – O local exato do achado, marcado com a barra de ferro, de que se serviu o descobridor para extrair a pedra que o ocasionou. Este [Eugénio Jalhay] só-se também na fotografia, à esquerda.



Fig. 5 – Estrada do lugar do Pareiro para o do Castelo e que ao fundo atravessa a ponte de Pôrto do Concelho.

região em causa, por J. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1915: 182). Eugénio Jalhay termina o seu artigo por cuidado estudo comparativo com depósitos análogos, destacando o depósito do Casal dos Fiéis de Deus (Bombarral) e, em Espanha, os da ria de Hío (Pontevedra) e o da impropriamente designada ria de Huelva. Fora da Península, menciona o célebre depósito sardo de Monte Sa Idda, não deixando de salientar, de forma pioneira, as analogias peninsulares observadas na maioria das peças que integram aquele conjunto.

A profundidade da análise do arqueólogo vai ao ponto de discutir diversas teorias explicativas para a deposição na terra deste tipo de peças, partindo das três hipóteses por si enunciadas de Hugo Obermaier, uma das quais estabelecia conotação com práticas rituais, em geral associadas a oferendas às divindades aquáticas, como sugerem muitas das condições dos achados do território português, inventariadas por Raquel Vilaça em 2006 (Vilaça, 2006) (Fig. 8). Contudo, neste caso não pode invocar tal justificação, pois o local do achado encontra-se afastado várias centenas de metros da linha de água mais próxima a ribeira do Pereiro.

Tal facto, contudo, não invalida que se possa tratar de um depósito ritual, embora entremos no campo das conjecturas onde quase tudo é possível e quase nada é susceptível de ser cabalmente demonstrado.

FIG.6. Conjunto metálico do Porto do Concelho seg. R. Vilaça (Vilaça, 2006, Fig. 45).

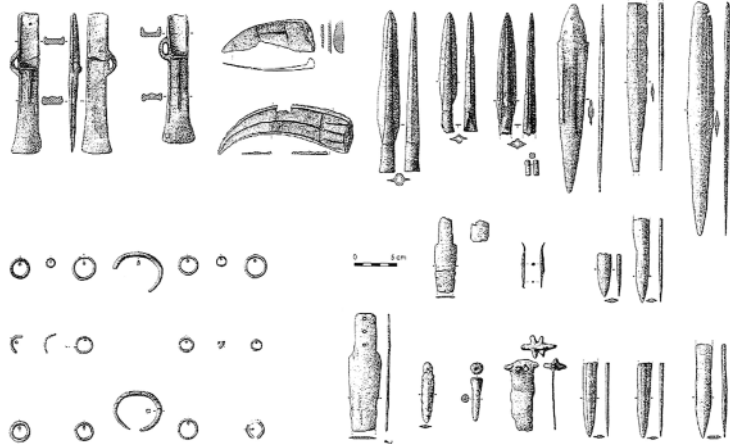
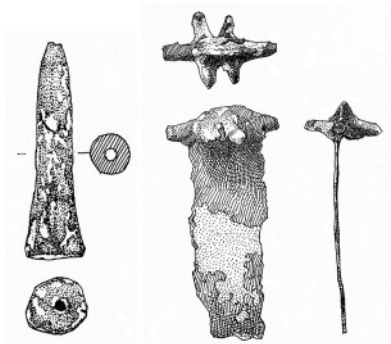


FIG.7. Artefactos de bronze do depósito do Porto do Concelho: algaraviz de forja e lâmina com apêndices, de utilização indeterminada, seg. Pereira, 1970, Fig. 103 e 98, respectivamente.



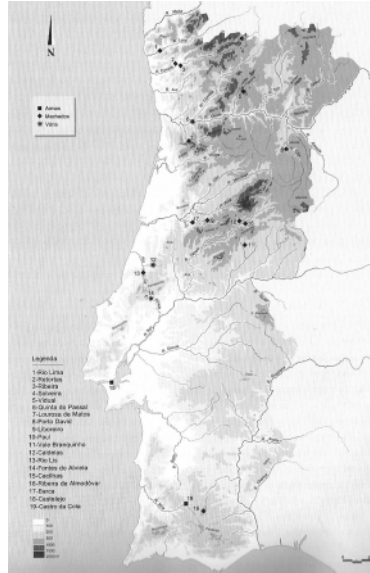


FIG.8. Deposições de peças metálicas da Idade do Bronze aquáticas e de margem, seg. Vilaça, 2006, Fig. 24.

4. Depósitos metálicos do Bronze Final das regiões envolventes: Ervedal (Castelo Branco) e Coles de Samuel (Soure)

Três anos volvidos sobre a publicação do depósito do Porto do Concelho, foi publicada por Joaquim Sellés Paes de Villas-Boas (Villas-Boas, 1947), uma curta notícia sobre o depósito de Ervedal, a cerca de 28 km de Castelo Branco e perto da estrada para o Fundão, que, no entanto, foi a única publicada até ao estudo de A. Coffyn, datado de 1976 (Coffyn, 1976). O conjunto guarda-se no Museu Francisco Tavares Proença Júnior daquela cidade e é mais numeroso que o do Porto do Concelho, embora tipologicamente menos diversificado, avultando machados bivalves de talão e uma argola, de talão planos, e fragmento diversos, entre os quais de punhais de tipo Porto de Mós (Fig. 9). Avulta a presença de lingotes de bronze em forma de calote de esfera, que bem evidencia a importância do comércio transregional desta liga metálica, sob esta forma ou já sob a forma de artefactos prontos a usar. Mas a presença de artefactos incompletos ou fora de uso, evoca a conotação a simples sucata metálica, sugerindo assim tratar-se, neste caso, que se incluiu entre muitos outros, de conjuntos destinados a refundição. Um dos raros depósitos em que quase todas as peças parecem estar em estado de uso aquando da sua ocultação é o de Coles de Samuel (Soure), do qual se conhece cuidada publicação de Maria Amélia Horta Pereira (Pereira, 1971). Contudo, tratando-se de conjunto de peças adquirido por Bairrão Oleiro a um antiquário de Montemor-o-Velho, nos inícios da década de 1960, não existe a certeza do local do achado nem, tão-pouco, de se tratar de conjunto completo, sendo possível que só as peças completas despertassem o interesse do comerciante, por serem as mais vendáveis. Seja como for, o conjunto é actualmente constituído por 4 machados de alvado e de duas argolas, um machado de talão univalve com falta do gume e de uma

argola, seis foices de talão do tipo Rocanes, seis braceletes, das quais duas decoradas e duas outras só parcialmente conservadas, a que acresce um escopro (Fig. 10). A autora notou que dois dos machados de alvado foram produzidos a partir do mesmo molde, o mesmo se verificando com a totalidade das seis foices de talão e com as duas braceletes decoradas, considerando que, neste caso, se justificaria a designação de “esconderijo de fundidor”, interpretado como local só conhecido do metalurgista, ou dos que lhe seriam próximos. Estas duas ocorrências são, por conseguinte, as que maior interesse comparativo possui com o depósito do Porto do Concelho, não só pela diversidade da sua composição – permitindo discussão quanto à finalidades específicas de cada um deles – mas também pela proximidade geográfica com aquele.

FIG.9. Depósito do Ervedal, Castelo Branco, seg. Villas-Bôas, 1947, Fig. 2.

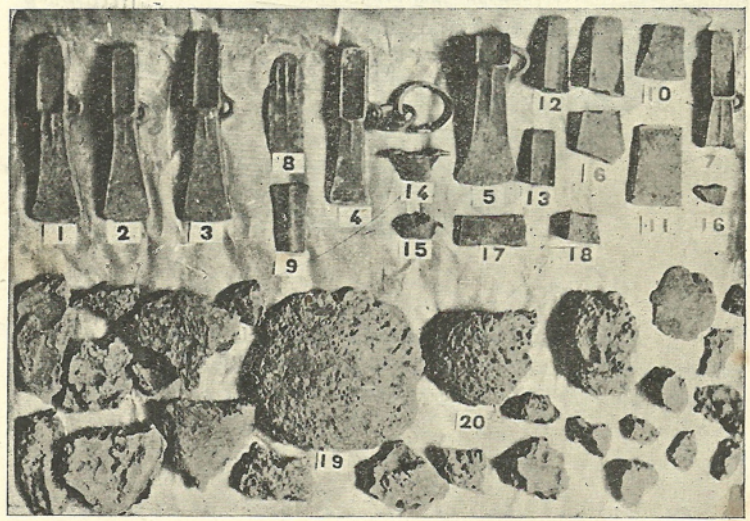
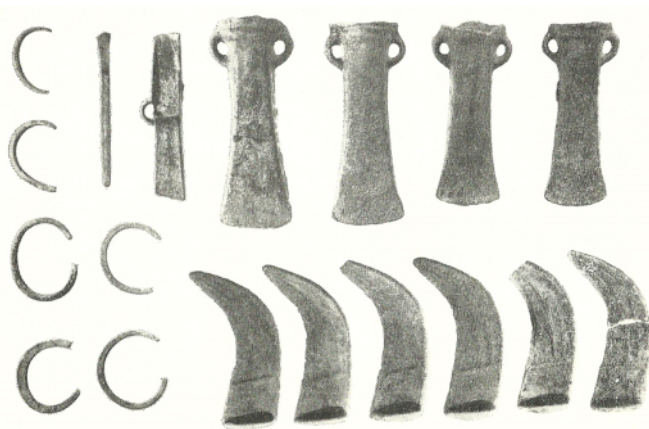


FIG.10. Depósito de Coles de Samuel, Soure, seg. Pereira, 1971, Est. 1.



5. O Castelo Velho do Caratão

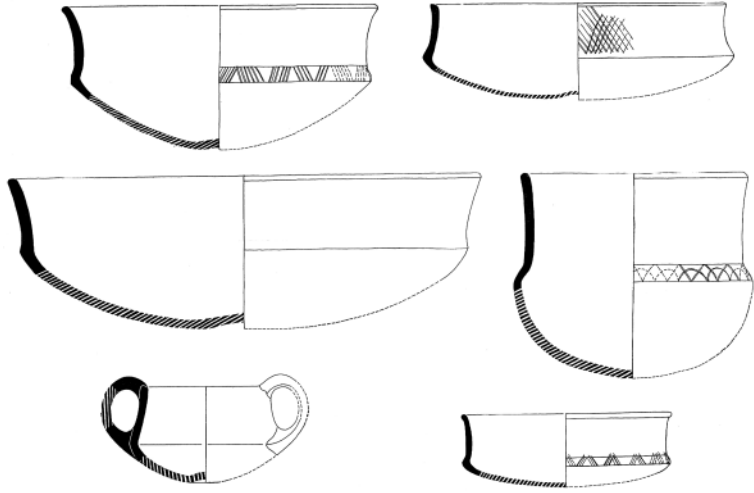
A par do depósito do Porto do Concelho, esta é, sem dúvida, a estação da Idade do Bronze mais importante cuja identificação se deveu a João Calado Rodrigues, afigurando-se despidiendo quaisquer desenvolvimentos sobre esta estação, visto a mesma ter sido já objecto de comunicação a esta reunião por parte de Maria Amélia Horta Pereira Bubner, que ali procedeu a escavações com seu marido, em 1983/1984.

Não poderia, contudo, deixar de se sublinhar a importância arqueológica deste sítio, logo percebida aquando das primeiras investigações realizadas. Com efeito, a data da identificação do sítio é conhecida, 20 de Junho de 1946 (data que hoje se comemora), bem como os resultados das escavações realizadas por João Calado Rodrigues, com o acompanhamento a distância de Eugénio Jalhay, no decurso daquele ano. A transcrição parcial das missivas que lhe foram remetidas por João Calado Rodrigues, publicadas por Maria Amélia Horta Pereira em 1970 são significativas a tal respeito. Verifica-se que, além de corresponder a sítio com ocupação neocalcolítica – destacando-se a recolha de bela alabarda – o local, implantado em alto estratégico, que “domina toda a região até aos Bandos, para norte, e até ao Tejo para sul” (Pereira, 1970: 104) (Fig. 11) – forneceu ao seu primeiro explorador importantes vestígios da Idade do Bronze. Estes, só muito mais tarde foram publicados por Maria Amélia Horta Pereira, com destaque para diversos artefactos metálicos, a par de produções cerâmicas, entre as quais as do grupo designado por “ornatos brunidos”, típicas do Bronze Final (Fig. 12), cuja representação foi aumentada pelas recolhidas por Maria Amélia Horta Pereira Bubner e Thomas Bubner, nas escavações ali realizadas em 1983/1984 e que se não publicaram.



FIG.11. O Castelo Velho do Caratão, ao centro, constituindo elevação isolada na paisagem (foto gentilmente cedida por R. Vilaça).

FIG.12. Produções cerâmicas de “ornatos brunidos” e associadas, do Castelo Velho do Caratão, seg. Pereira, 1970, Fig. 11.



6. O castro de S. Miguel, Amêndoa

O impacto que a publicação do depósito do Porto do Concelho teve, logo seguida da dedicada à alabarda do Casal da Barba Pouca, animou Eugénio Jalhay a prosseguir os seus trabalhos em Mação, ainda que estes tivessem sempre origem nas informações recebidas do Dr. João Calado Rodrigues, que, na sua postura generosa, sempre permaneceu na sombra, deixando ao seu amigo jesuíta, por inteiro, os méritos que a ambos pertenciam. É assim que, cinco anos volvidos sobre a publicação do depósito do Porto do Concelho, uma outra surge, dedicada ao castro de S. Miguel, próximo da povoação de Amêndoa (Jalhay, 1949). O local já se encontra mencionado nas *Memorias Parochiaes* de 1758, bem como, no século XX, pelo Padre Henrique da Silva Louro, na sua “*Monografia de Cardigos*”, de 1939, e por António de Oliveira Matos, na obra “*Monografia do concelho de Mação*”, de 1947. A importância, arraigada no imaginário popular, que lhe estava associada explica o interesse que João Calado Rodrigues lhe dispensou, incentivando Eugénio Jalhay para ali realizar escavações, as quais se vieram a verificar em Julho de 1945 e em Julho de 1946, antecedendo a sua classificação como Monumento Nacional. Assim se identificaram e registaram casas de pedra seca, de planta rectangular, e uma muralha a toda a volta do cabeço publicadas por Eugénio Jalhay em 1949 (Fig. 13 e 14).

Trata-se, com efeito, de um exemplo interessante e raro das influências meseténhas de raiz céltica que, no decurso da Idade do Ferro, atingiram a bordadura ocidental do maciço hespérico, como ilustram as evidentes semelhanças entre as produções cerâmicas então ali recolhidas com a dos castros daquela região. O sítio conheceu ocupações posteriores, como atesta uma placa de cobre dourado, atribuível ao século VI ou VII d.C., reproduzida por Eugénio Jalhay (Fig. 15), a qual foi recentemente oferecida ao Museu de Lisboa pelos seus detentores que, segundo informação recebida de responsável daquele Museu, desconheciam a respectiva proveniência. Esta foi

agora, por feliz coincidência, ocasionalmente identificada no decurso da preparação desta comunicação. Aqui fica a sugestão da sua obtenção para o acervo deste Museu, já que constitui, até agora, o único testemunho da presença de época visigótica no concelho de Mação.

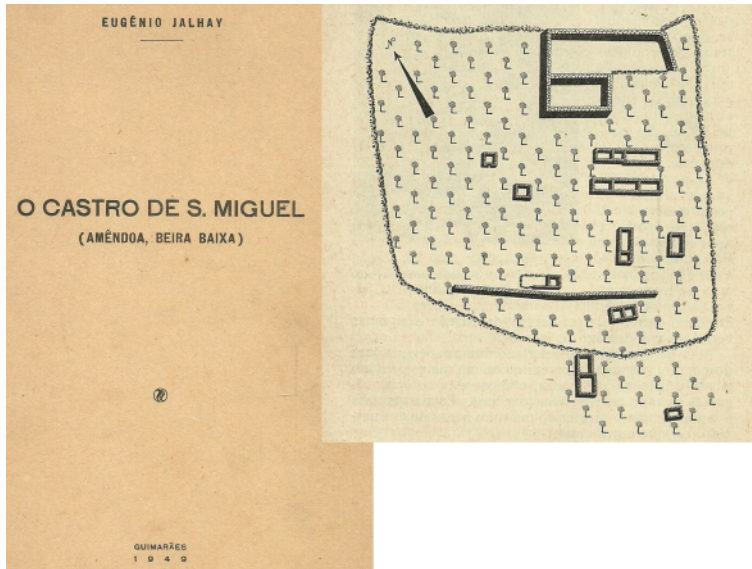
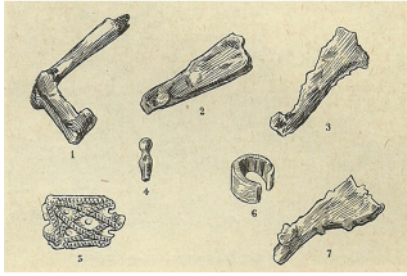


FIG.13. Capa da separata e planta do castro de S. Miguel, Amêndoa, seg. Jalhay, 1949.



FIG.14. Visita de um grupo de personalidades ao castro de S. Miguel, Amêndoa no dia 19 de Maio de 1949. O Dr. João Calado Rodrigues é o terceiro, de pé, a contar da esquerda. Do lado direito, em último lugar, observa-se Afonso do Paço, e sentado, à sua frente, o Padre Eugénio Jalhay (seg. Pereira, 1970).

FIG.15. Desenho da placa visigótica de cobre dourado do castro de S. Miguel, Amêndoa, seg. Jalhay, 1949, Fig. 6 e foto inédita da mesma, gentilmente comunicada pelo Dr. Fernando Peixoto Lopes (Museu de Lisboa).



7. Epílogo

Procurou-se sublinhar, de forma muito resumida, a importância dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no concelho de Mação no decurso da década de 1940 interessando sítios e materiais pré e proto-históricos, a que intencionalmente este contributo se cingiu, tendo presente as comemorações dos 70 anos da identificação do Castelo Velho do Caratão. Tais iniciativas, promovidas por João Calado Rodrigues, a que generosamente associou Eugénio Jalhay, resultaram, a breve trecho, em importantes descobertas e explorações, que se prolongaram por épocas ulteriores. Assim, logo em 1951, Bairrão Oleiro – outro amigo de Calado Rodrigues e figura ímpar da Arqueologia portuguesa – elencou, na revista *Zephyrus*, os trabalhos que no concelho de Mação se vinham efectuando desde a década anterior (Oleiro, 1951), sublinhando os relativos à época romana, consubstanciados por epígrafes, estudadas por Jalhay, cuja onomástica evocava as raízes célticas da população romanizada, a par de estações arqueológicas, com destaque para a de Vale do Junco, na Ortiga. Assim, sem meios logísticos ou financeiros, mas animado de uma determinação pragmática aliada a um carácter bondoso, mobilizador vontades, a acção metódica e persistente de João Calado Rodrigues, fez com que Mação emergisse de um total desconhecimento, para se afirmar como uma das regiões do país onde maior quantidade de informação arqueológica se obteve, em tão curto espaço de tempo. Merecem destaque, pela sua efectiva importância, algumas estações então dadas a conhecer, como o depósito do Porto do Concelho e o Castelo Velho do Caratão, cujos 70 anos da sua descoberta hoje se comemoram.

Com o apoio de Eugénio Jalhay, por si generosamente acolhido nesta terra, permitindo-lhe publicar em nome próprio o resultado das suas indagações arqueológicas e, depois do falecimento deste, a partir de 1951, com o que lhe dispensou João Manuel Bairrão Oleiro, seu sucessor como Vogal da Junta Nacional da Educação, soube o Dr. João Calado Rodrigues,

até ao seu passamento, em 1953, projectar o nome de Mação nos anais da Arqueologia portuguesa. Mais: foi um dos raros que, em Portugal conseguiu de forma consequente, com o manancial de materiais por si exclusivamente carreados, lançar as bases de um futuro Museu Municipal que teve na Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira Bubner uma sua qualificada e competente continuadora. Assim, os 70 anos da identificação do Castelo Velho do Caratão, foram, sem dúvida, a melhor justificação que poderia ter sido encontrada para a realização desta reunião científica, pois só honrando o árduo esforço dos antecessores, se justifica a acção no tempo presente, conferindo-lhe sentido e dignidade.

Referências bibliográficas

- Coffyn, A. (1976) *L'Âge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Volume 5, p. 433-434; volume 39, p. 186. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.
- Jalhay, E. (1944) O “esconderijo” pré-histórico de Pôrto do Concelho (Mação, Beira Baixa). *Brotéria*. Lisboa. 38 (3), p. 263-277.
- Jalhay, E. (1947) A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*. Lisboa. 44 (1), p. 36-56.
- Jalhay, E. (1949) O castro de S. Miguel (Beira Baixa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 59 (1/2), p. 137-148.
- Oleiro, J. M. Bairrão (1951) Actividades arqueológicas no concelho de Mação (Beira Baixa. Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 2 (Mayo-Agosto), p. 107-109.
- Pereira, M. A. Horta (1970) *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Coimbra: Câmara Municipal de Mação.
- Pereira, M. A. Horta (1971) O esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel (Soure). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 3, p. 165-181.
- Vasconcelos, J. Leite de (1915) *História do Museu Etmológico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vilaça, R. (2006) Depósitos de bronze do território português. Um debate em aberto. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 24, p. 9-150.
- Villas-Bôas, J. S. Paes de (1947) *Nuevos elementos del Bronce Atlántico en Portugal. Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español* (Albacete, 1946). Albacete: Imp. Provincial.